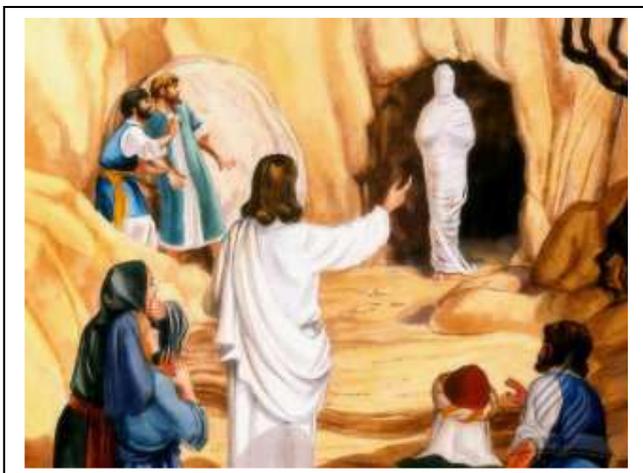


A AÇÃO DE DEUS



“[1] Certo homem chamado Lázaro estava doente. Ele era de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta.” [3] Então as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: Senhor, aquele a quem amas está doente. [5] Jesus amava Marta, a irmã desta e Lázaro. Mas ao saber que ele adoecera, permaneceu ainda dois dias no lugar onde estava. [17] Chegando pois Jesus, viu que Lázaro estava sepultado já havia quatro dias. [20] Ao saber que Jesus estava chegando, Marta foi ao seu encontro; [21] E Marta disse a Jesus: Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires. Jesus lhe respondeu: Teu irmão ressuscitará. Disse-lhe Marta: Sei que ele ressuscitará na ressurreição,

no último dia. Jesus declarou: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisso? Respondeu-lhe Marta: Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo. [38] Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, foi ao sepulcro, que era uma gruta com uma pedra na entrada. E disse: Tirai a pedra. Então Marta, irmã do morto, disse-lhe: Senhor, ele já cheira mal, porque já faz quatro dias. Então Jesus lhe respondeu: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus? Então tiraram a pedra. [43] E, tendo dito isso, disse em alta voz: Lázaro, vem para fora! O que estivera morto saiu, com os pés e as mãos atados com faixas, e o rosto envolto num pano. E Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir.” (João 11.1-44 – Almeida Século 21)

Introdução

O episódio que relata a ressurreição de Lázaro descreve um dos maiores milagres realizados pelo Senhor Jesus durante os três do seu ministério na terra: a vitória sobre o pior inimigo do ser humano, a saber: a morte. E a variação de sentimentos que tomou conta das pessoas envolvidas com a situação – até mesmo de Jesus (v. 35,38) – dão ainda mais beleza e encanto ao contexto da passagem bíblica.

A passagem bíblica de João 11 nos ajuda a compreender de que forma a ação de Deus ocorre na vida das pessoas e sob quais princípios. No texto (v. 11) é apresentada de um lado a situação de Lázaro: adormecido (morto); e de outro lado o desejo de Jesus ante a situação: despertar (ressuscitar) o amigo. Da mesma forma, em nossos dias, de um lado temos as nossas necessidades (muitas delas urgentes) e de outro lado temos o desejo do Senhor Jesus em supri-las, assim como Ele fez com Lázaro. Porém, ao contrário do que aconteceu na narrativa bíblica, em muitos momentos na nossa vida, parece que a ação de Deus e a nossa necessidade são duas coisas que nunca se cruzam.

No contexto de vida da maioria de nós, a impressão que se tem é que Jesus muitas vezes fica parado em vez de agir com rapidez em nosso favor; e quando Ele resolver agir, parece que já é tarde de mais. Muitos dos nossos sonhos e projetos morreram, já se passaram quatro dias, quatro meses, quatro anos, quatro décadas e Jesus aparentemente se esqueceu de ressuscitá-los. O sentimento que muitas vezes paira em nós é o de que a ação de Deus não vai nos alcançar, e nós permaneceremos sepultados em

nossos problemas e adversidades. Mas se nós analisarmos com zelo a maneira pedagógica como Jesus lidou com a situação que envolveu a doença e a decorrente morte de Lázaro em todos os aspectos, poderemos nos livrar de muitas de nossas crises e inquietações sobre a ação em Deus em nossa vida.

O episódio que relata a ressurreição de Lázaro nos ensina que:

1. A ação de Deus em nossa vida não se manifesta por causa das nossas necessidades, mas por causa dos propósitos grandiosos de Deus em relação a nós. O texto bíblico diz:

“Mas ao saber que ele adoecera, permaneceu ainda dois dias no lugar onde estava.” (João 11.6)

A atitude de Jesus em permanecer onde estava, mesmo sabendo da gravidade da doença do amigo, aos nossos olhos denota um total descaso com a necessidade alheia. Jesus não demonstra pressa alguma em agir; e Ele não tinha mesmo. Como sabemos, a pressa pode ser sinônimo de precipitação, afobação, falta de calma ao agir. **Deus não tem pressa; Deus tem propósitos.** E o propósito de Jesus não era vencer a doença de Lázaro, mas a morte que recaiu sobre ele. Isso porque a vitória sobre um inimigo maior, como a morte, glorificaria muito mais a Deus do que a vitória sobre um inimigo menor, no caso a doença. Da mesma forma, os propósitos de Deus para nós são muito maiores do que a nossa necessidade de intervenção divina. Os pensamentos de Deus “*são mais altos que os nossos pensamentos*” (cf. Isaías 55.9) e Ele é “*poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos*” (cf. Efésios 3.20).

2. A ação de Deus em nossa vida não se manifesta quando ela tiver um fim em si mesma, mas quando ela vier a servir como bênção na vida de outras pessoas. O texto bíblico diz:

“Então Jesus lhe respondeu: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (João 11.40)

O objetivo maior de Jesus não era que as pessoas vissem Lázaro ressuscitado, mas que elas vissem a glória de Deus através da ressurreição (cf. João 11.4). As bênçãos de Deus não são para usufruto pessoal apenas. Ao ressuscitar Lázaro, Jesus não queria simplesmente por fim ao luto de uma família, mas, através dela, levar outras pessoas a crerem nEle (cf. João 11.45).

Vivenciamos hoje a síndrome da “teologia do umbigo”, onde a bênção tem como finalidade única e exclusiva, satisfazer a pessoa que a recebe. Para comprovarmos isso, basta analisarmos o tipo de ambiência que é gerada durante os cultos em certas igrejas que se auto intitulam internacionais, universais ou até mesmo mundiais. O que vemos são centenas de pessoas preocupadas apenas com o próprio bem estar, sem se importarem com o indivíduo que está ao lado. Não há comunhão. O que há consumidores em vez de adoradores, clientes divinos em busca de produtos e artefatos pessoais.

Todas as nossas ações devem visar à glória de Deus. Nós oramos, cantamos e pregamos para a glória de Deus; reunimo-nos na igreja para a glória de Deus. Como ensinou o apóstolo Paulo, quer comamos, quer bebamos ou façamos qualquer outra coisa (inclusive pedir bênçãos), façamos tudo para a glória

de Deus (cf. 1Coríntios 10.31). Diante disso nos surge uma pergunta feita por Agostinho de Hipona e que precisa ser respondida: O que buscamos quando buscamos a Deus? A glória dEle, ou a nossa?

Infelizmente, quando a glória de Deus é vista sobre a vida de alguém, o sentimento gerado no coração de muitas pessoas não é o de gratidão (por ter visto a ação de Deus), mas o de inveja (isto é, o desejo de que uma pessoa deixe de ter o que ela tem), pelo fato de não terem sido elas o objeto do milagre. Por causa disso, muitas vezes deixamos de compartilhar nossos sonhos, conquistas, bênçãos e projetos, por receio de sermos alvo da inveja de alguém.

Na narrativa que faz do Evangelho de Cristo, o apóstolo João relata que, quando os principais sacerdotes souberam o que se operou na vida de Lázaro e como esse feito fez com que as pessoas cressem em Jesus, a atitude deles foi de planejar a morte de Lázaro:

“Então os principais sacerdotes decidiram matar também Lázaro; pois, por causa dele, muitos abandonavam os judeus e criam em Jesus.” (João 12.10-11)

De forma que não é incomum presenciarmos situações onde pessoas tentam prejudicar umas as outras por causa do que Deus tem feito na vida delas. Lamentavelmente, a ação de Deus na vida de algumas pessoas parece incomodar as demais.

3. A ação de Deus em nossa vida não se manifesta devido ao simples conhecimento que temos sobre Deus, mas pela fé que depositamos nEle. O texto bíblico diz:

“E Marta disse a Jesus: Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires.” (João 11.21-22)

“Eu sou a ressurreição e a vida;... Crês nisso? Respondeu-lhe Marta: Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo.” (João 11.25-27)

João 8.32 diz: *“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”*. A realidade presente nesse texto está no fato de que, o que liberta não é a verdade, mas o conhecimento dela. Porque se nós não conhecermos a verdade, a verdade não será verdade para nós. Sendo assim, **não é possível ter fé sem conhecimento, mas é possível ter conhecimento sem fé.**

Se Marta realmente cresse que Jesus é a ressurreição e a vida, não diria a Ele para que não removesse a pedra do sepulcro, pelo fato do corpo já estar cheirando mal (v. 39). Marta **sabia** que Jesus era a ressurreição e a vida. Mas ela **acreditava** apenas que Ele era o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo (v. 27).

A fé só é gerada quando o conhecimento que possuímos é aplicado à vida (cf. Tiago 1.22-25). É a aplicação do conhecimento quem gera a fé e a convicção no coração.

4. A ação de Deus em nossa vida não se manifesta primariamente em nosso exterior, mas tem seu início no interior do nosso coração, longe da visão dos nossos olhos naturais. O texto bíblico diz:

“E, tendo dito isso, disse em alta voz: *Lázaro, vem para fora! O que estivera morto saiu...*” (João 11.43-44a)

Assim que Jesus clama em alta voz, a princípio nada acontece do lado de fora da gruta, e sim dentro. Primeiro o fôlego de vida volta ao corpo de Lázaro, os efeitos cronológicos da morte sobre o corpo dele são revertidos e Lázaro, por estar amarrado e vendado (cf. João 11.44), teve extrema dificuldade em se levantar e caminhar, levando vários minutos para sair do sepulcro. A ação de Deus se inicia primeiro no interior da vida humana, isto é, no coração de cada indivíduo. A manifestação de Deus em nosso exterior é apenas um reflexo de algo que já ocorreu em nosso íntimo.

Conclusão

A ação de Deus na vida de uma pessoa só faz sentido se essa pessoa, depois do milagre, puder seguir a diante com a jornada da sua vida. Do contrário, a ação de Deus na vida do indivíduo se torna obsoleta e sem sentido prático. No final do episódio que relata a ressurreição de Lázaro, Jesus dá uma ordem: “*Desatai-o e deixai-o ir.*” (João 11-44b).

Lázaro estava amarrado, tanto as mãos como os pés dele estavam imobilizados. Lázaro precisava que alguém o desamarrasse para que pudesse caminhar novamente. Sozinho ele não poderia fazer nada. Era preciso que alguém o ajudasse e o libertasse. Da mesma forma muitas pessoas, que já foram alvo da ação de Deus (recebendo inclusive a salvação eterna), não conseguem seguir adiante porque estão atadas, amarradas, presas no coração de alguém. Isso acontece quando deixamos de liberar perdão sobre a vida de alguém. O verbo “perdoar”, do grego ἀφίημι (*aphíemi*), significa “libertar”, “deixar ir”, “não guardar mais” (no coração).

Talvez estejamos presos no coração de alguém, por algo que cometemos contra ele. Mas pior ainda é se nós estivermos prendendo alguém em nosso coração por algo que cometido contra nós. Nesses dois casos é preciso haver libertação para que possamos seguir em frente e também deixar que outros façam o mesmo. Talvez a ordem de Jesus, àqueles que estavam presentes na ressurreição de Lázaro, seja a mesma ordem dada a nós hoje: “*Desatai-o e deixai-o ir.*”

O perdão de Deus sobre nós depende diretamente do nosso perdão em relação às outras pessoas. Como o Senhor Jesus nos ensinou, nós só pedimos perdão a Deus pelos nossos pecados porque já “perdoamos”¹ aqueles que pecaram contra nós (cf. Mateus 6.12).

“[...] Perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai [...], vos perdoe [...]. Mas, **se vós não perdoardes, também vosso Pai, [...], vos não perdoará...**” (Marcos 11:25-26; cf. Mateus 6:12).

¹ No texto bíblico o verbo “perdoar” está conjugado no tempo passado, sendo que a melhor tradução seria “temos perdoado”.

“Se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que **teu irmão tem alguma coisa contra ti**, [...] vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta” (Mateus 5:23-24).

Os dois versículos acima são princípios divinos que não podem ser mudados ou quebrados. Há coisas que não podemos fazer sozinhos. Uma delas é viver a vida cristã. Mesmo quando somos objeto da ação de Deus e resultado de um milagre, precisamos do auxílio de outras pessoas. Não fomos criados para vivermos como se fôssemos seres independentes. Precisamos uns dos outros... Precisamos de comunhão.

Todo ser humano precisa ser liberto, do pecado (através da aceitação do sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz) e do pior que há em si mesmo (através da libertação feita uns aos outros através do perdão e do amor uns pelos outros.

Pense nisso!

 Reflexão baseada no sermão – de mesmo título – ministrado em 22/01/2012, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária – São Paulo/SP.